

FEBRE AMARELA

CASOS SUPERAM MARCA DE MIL E DIAGNÓSTICO É DESAFIO

Número de pacientes com suspeita da doença ultrapassa a barreira dos três dígitos e sufoca desde a prevenção até os exames laboratoriais. Funed teve de triplicar equipe

GUILHERME PERANABA

O número de casos suspeitos no maior surto de febre amarela da história recente do país, que ontem superou a barreira dos mil casos sob investigação apenas em Minas Gerais, estrangula o serviço de saúde desde a prevenção até o diagnóstico. Enquanto a fabricação de vacinas opera no limite – com o único fornecedor oficial produzindo doses à máxima capacidade – e a imunização provoca filas nos postos, o laboratório encarregado de determinar se os pacientes estão infectados também está sufocado. A Fundação Ezequiel Dias (Funed), órgão mineiro responsável pelos testes da maioria dos casos, precisou instituir regime de plantão e aumentar em três vezes a equipe, deslocando pessoal de outros setores, para conseguir responder à demanda. Enquanto isso, doentes e seus parentes enfrentam a angústia de esperar até por meses para saber se foram contaminados pela virose, que comprovadamente já causou pelo menos 78 mortes no estado.

Um dos gargalos enfrentados pela Funed é a realização de exames nas vísceras de doentes que morreram, procedimento que só deve passar a ser feito em Minas a partir da próxima semana. Nesses casos, as amostras têm que ser enviadas ao Instituto Evandro Chagas (IEC), no Pará, ou à Fiocruz, no Rio de Janeiro, que são referências nacionais, o que aumenta o tempo de espera pelos resultados. Além disso, ainda é necessário concluir uma investigação epidemiológica após esses resultados. A Secretaria de Estado de Saúde (SES/MG) sustenta que existe uma portaria do Ministério da Saúde que disciplina a situação e prevê até 60 dias entre todo o processo necessário para confirmar o diagnóstico ou descartá-lo.

Dados do último informe epidemiológico do estado mostram que os casos notificados por suspeita de febre amarela em Minas bateram a casa dos três dígitos. São 1.012 pacientes, mas apenas 277 já tiveram todas as investigações concluídas, o que equivale a cerca de 27% do total. Foram 220 diagnósticos confirmados e 57 descartados. Entre os pacientes que tiveram a confirmação, 78 morreram. Outras 96 mortes estão sendo investigadas. Segundo a referência técnica do Laboratório de Arbovírus da Funed, Maira Alves Pereira, todo o material dos pacientes com suspeita da doença é enviado à fundação e se junta à rotina do laboratório, que já processa exames de dengue, zika e chikungunya. Apenas em relação a essa última doença, em apenas 44 dias de 2017 Minas já registrou o maior número de casos suspeitos da história, com 521 notificações.

Como todo o serviço de saúde, a unidade foi surpreendida pelo surto de febre amarela. Com cinco funcionários normalmente mobilizados para fazer os exames de febre amarela, o laboratório teve que recrutar mais 10, convocando a metade de toda a equipe que trabalha com virologia. "Nós já temos expertise com febre amarela, mas de qualquer forma esse exame é um pouco complicado e demora três dias só na execução. Por is-



Testes no laboratório da Funed: instituição teve de remanejar equipe para reforçar o diagnóstico da virose. Processar cada exame leva até cinco dias, mas doentes esperam até 60 para saber resultado



NO MICROSCÓPIO

COMO É FEITO O EXAME LABORATORIAL PARA CONFIRMAÇÃO DA FEBRE AMARELA

- 1) O Ensaio Imunoenzimático (Mac- Elisa) é o método usado para descobrir se o paciente tem a doença
- 2) Para o teste, é usado o sangue do paciente
- 3) Durante três dias, os técnicos usam uma placa para promover três reações, uma em cada dia, entre o sangue do paciente e substâncias ligadas ao vírus da febre amarela
- 4) Depois dos três reações, os casos positivos apresentam uma reação que precisa ser lida por equipamento específico
- 5) Depois disso é feita uma análise de cada resultado em comparação com o ficho do paciente. Os resultados que tiverem algum tipo de problema são refeitos e o exame é liberado

so, não conseguimos uma resposta tão rápida", afirma Maira Pereira. Ela afirma que o setor de adequou à demanda, mas para isso precisou fazer plantões nos fins de semana. "Hoje sobrecarga, mas aqui na Funed estamos em dia. É claro que aqueles materiais enviados para as unidades de referência nacional demoram mais. Com esse surto, agora também teremos condição de fazer os exames de biologia molecular (nas vísceras, após a morte) para febre amarela aqui na Funed, provavelmente a partir da semana que vem", afirma. Segundo ela, em momento algum os casos ficaram parados, e todos os exames foram concluídos na média de cinco dias por caso.

No caso dos exames enviados ao IEC e à Fiocruz, Maira Pereira explica que as duas unidades têm levado cerca de 10 dias para entregar os resultados, o que também já representa mudança dos prazos de antes do surto, que chegavam a 30 dias, segundo ela. De acordo com a Secretaria de Estado de Saúde, para se confirmar um caso de febre amarela não basta o exame laboratorial, feito no sangue ou nas vísceras do paciente, mas também a investigação clínica e epidemiológica, que busca saber onde o paciente esteve, se é vacinado e outras informações. Esse procedimento pode levar até dois meses. "Todos os casos serão encerrados em até 60 dias após a

notificação, conforme previsto pela Portaria do Ministério da Saúde 204/2016, referente às doenças de notificação compulsória", informou, em nota.

PROTÓCOLO E ANGÚSTIA Para a médica epidemiologista Helena Brígido, integrante do Comitê de Arbovírus da Sociedade Brasileira de Infectologia, é normal que exista diferença entre a quantidade de casos notificados e aqueles confirmados em um surto de febre amarela. "O mais importante é a vigilância ficar atenta para os casos suspeitos. Quanto mais casos suspeitos aparecem, isso significa que os profissionais de saúde estão tendo a percepção necessária e que a população está buscando atendimento. Depois disso, normalmente os exames levam alguns dias", afirma a representante da Sociedade Brasileira de Infectologia.

Por outro lado, para quem está torcendo para a recuperação de um parente e acompanhando o sofrimento do familiar no dia a dia, a espera pelo diagnóstico é angustiante. A doentista Sônia Rocha Barbosa, de 39 anos, esteve em janeiro com o irmão Waltemir Rocha Barbosa, que ficou por cinco dias internado com suspeita de febre amarela no Hospital Eduardo de Menezes, na Região do Barreiro. Ele é morador da zona rural de Caratinga, no Vale do Rio Doce, e foi internado na cidade em 9 de janeiro. Três dias depois, foi transferido para BH, onde ficou até o dia 17 do mês passado. Somente em 3 de fevereiro, quando voltou ao médico, teve a confirmação de que havia sido vítima da doença. "Isso es- pera deixa a gente aflito, porque não sabemos de fato o que está acontecendo e temos notícia de várias pessoas morrendo. Todos da família ficaram muito preocupados, sem saber se era algo mais grave que poderia evoluir para a morte", afirma Sônia.